

# “Czar” Vladimir Putin regressa ao Kremlin para terceiro mandato

As prometidas manifestações dos opositores políticos, que acusam o Kremlin de cercear liberdades fundamentais dos cidadãos, deverão ser um dos primeiros desafios de Putin

JOÃO MALTEZ  
jmaltez@negocios.pt

O “Czar” está de volta ao Kremlin. Com a vitória nas eleições de ontem, Vladimir Putin regressa à presidência da Rússia. Carrega consigo um conjunto de promessas, em que ganharam peso, a nível interno, a diversificação da economia e o reequipamento das forças armadas. Arrasta também os protestos da oposição, que o acusa de controlar um processo eleitoral pouco transparente e que promete manifestar o descontentamento já hoje nas ruas de Moscovo.

Vladimir Putin parte para os próximos seis anos de mandato depois de uma campanha eleitoral em que a retórica discursiva assentou em promessas de reformas económicas e sociais do país, mas também nas divergências face ao papel desempenhado no mundo pelos Estados Unidos.

Foi todo um discurso construído para consumo interno, destinado a manter junto dos seus apoiantes a imagem simbólica do poderio russo. Algo que lhe permitiu também assumir, explica Sandra Fernandes, docente de relações internacionais da Universidade do Minho, o prosseguimento da estratégia do Kremlin – a sua, executada pelo seu “pupilo” Dmitry Medvedev – face a dossiês que estão na ordem do dia, como as questões síria e iraniana.

Raquel Freire, investigadora do Centro de Estudos Sociais e autora do livro “A Rússia de Putin”, lembra ao **Negócios**, que esta estratégia está em curso desde a guerra na Geórgia, em 2008, e consiste na defesa da coexistência de vários pólos estruturantes da ordem internacional. “A par dos Estados Unidos, devemos pensar em países como a Rússia ou a China, e blocos regionais, como a União Europeia”, enfatiza esta docente de relações internacionais da Universidade de Coimbra.

A dureza da retórica que Putin imprimiu ao seu discurso nos dias que antecederam a ida às urnas de mais de 107 milhões de eleitores, resultou, em larga medida, argumenta ainda Raquel Freire, da campanha para as presidenciais. Mas cumpriu também o objectivo subjacente às políticas de projecção e reconhecimento internacional que Putin pretende imprimir a este seu mandato presidencial.

Sandra Fernandes clarifica os **Negócios**, que esta posição não significa qualquer isolacionismo da Rússia face ao exterior. “É evidente que esta contestação não impedirá que as autoridades russas entendam a necessidade de dialogar com os seus parceiros internacionais, nomeadamente com os Estados Unidos”, sublinha a investigadora.

## Primeiro teste vem dos protestos

A nível interno, o primeiro teste a que Putin irá sujeitar-se no período pós-eleitoral prende-se com a contestação das diferentes correntes políticas que se lhe opõem e que acusam o Kremlin de cercear algumas das liberdades fundamentais dos cidadãos.

No entanto, há todo um conjunto de promessas eleitorais a que terá de dar resposta. Para Raquel Freire, o que Putin prometeu ao nível da inovação científica e tecnológica era já uma estratégia clara na política de modernização subjacente ao mandato presidencial que Dmitry Medvedev está prestes a terminar. Nos últimos anos foi feita uma clara aposta na formação, no investimento em recursos humanos e no melhoramento de infra-estruturas e recursos militares e biomédicas, entre outras.

“Contudo, face às atuais condições, de que a crise financeira internacional é um factor importante, a Rússia enfrentará grandes dificuldades em termos de implementação de

A remilitarização que tem estado nas parangonas dos jornais [e que envolverá 590 mil milhões de euros], será certamente a uma escala menor do que o anunciado.

RAQUEL FREIRE

Professora da Universidade de Coimbra

projectos demasiadamente ambiciosos em áreas tão diversas”, sustenta a investigadora da Universidade de Coimbra.

Raquel Freire acredita que Putin apostará nestas diferentes vertentes. Em todo o caso, admite que o fará com menores recursos. “Por exemplo, a remilitarização que tem estado nas parangonas dos jornais, será certamente feita a uma escala menor do que o anunciado”, enfatiza.

Ainda assim, numa reminiscência da tradição czarista, Vladimir Putin não deixará para já de continuar a ser visto, pelo por parte dos seus eleitores, como o “homem forte” que soube devolver a grandeza histórica à Rússia, considera Sandra Fernandes. Um “czar” dos tempos modernos, cuja liderança do “império” se prolonga desde ainda antes da sua primeira eleição como presidente, em 2000, que foi continuada nos últimos anos por Dmitri Medvedev e que terá agora continuidade, com esta terceira eleição.

## MUDAR ECONOMIA ASSENTE NO GÁS E NO PETRÓLEO

A nível interno, a necessidade de diversificação da economia russa é o desafio central que Vladimir Putin tem pela frente, sustenta a investigadora Raquel Freire. Actualmente, a Rússia faz assentar a sua economia numa dimensão monosectorial, concentrada essencialmente na exploração de petróleo e gás natural, produtos que correspondem a mais de 70% das suas exportações.

## LIDAR COM SOCIEDADE QUE TEME PERDA DE LIBERDADES

A gestão de uma sociedade mais diversa, com mais recursos e capacidades em termos de mobilização e reivindicação é também um desafio que Putin enfrentará. Para hoje estão já agendadas as primeiras manifestações de contestação por parte da oposição política, contra um eventual regresso a uma maior centralização do poder e a maiores limitações nas liberdades fundamentais.

## ASSEGURAR MODERNIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

A modernização do sector militar, que exige avultados recursos – estimam-se gastos na ordem dos 590 mil milhões de euros –, mantém-se como um desafio fundamental na garantia de lealdades dos militares num contexto económico menos favorável.

## ESCUDO ANTIMÍSSIL E ELEIÇÕES NOS EUA

A nível externo, a investigadora Raquel Freire sustenta que se manterá na agenda a questão do escudo de defesa antimíssil que tem marcado o diferendo Rússia-EUA. Bem como o ciclo eleitoral que terá lugar ainda este ano nos Estados Unidos e que será seguido com atenção em Moscovo.

## IRÃO SÍRIA E AFGANISTÃO: POLÍTICA GEOESTRATÉGICA

A questão do Irão será certamente fundamental nos próximos meses, tal como a Síria. Igualmente nas preocupações de Putin estará o Afeganistão, tendo em conta a diminuição da presença da Aliança Atlântica e de forças norte-americanas no terreno, com as consequências associadas. Aspecto que a Rússia receia que possa causar instabilidade numa área próxima e essencial na sua política externa.